

**RESENHA:**

**HINKELAMMERT, FRANZ J. HACIA UNA CRÍTICA DE LA RAZÓN MÍTICA:  
EL LABIRINTO DE LA MODERNIDADE. MÉXICO:  
EDITORIAL DRIADA, 2011 –**

Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa<sup>1</sup>

Para uma crítica da razão mítica: o labirinto da modernidade de Franz Hinkelammert

O autor é economista e teólogo natural da Alemanha, é reconhecidamente um importante teólogo na área da teologia da libertação, que é famoso por seus escritos contra o capitalismo, é co-fundador do departamento ecumênico de investigações, órgão que combate o desrespeito a dignidade humana, em San José, Costa Rica junto com Hugo Assmann e Pablo Richard. Doutorou-se em economia na universidade livre de Berlin e atuou como professor na universidade católica do Chile até 1973 sendo perseguido pelo governo de Pinochet. Ainda produz livros e palestras ao redor do mundo<sup>2</sup>.

O livro em questão foi lançado originalmente em 2008, edição em espanhol pelo próprio autor, pela editora Palavra Comprometida de La Paz – Bolívia. O livro é rico em figuras mitológicas apesar de tratar de dois (um?) assunto extremamente importantes, o capitalismo e religião, duas fundamentais estruturas as a quais servem para estruturar as relações humanas.

**Prefacio:**

Prefacio: a humanidade se encontra perdida em um labirinto, nesta obra o autor oferecerá um fio de Ariadne<sup>3</sup> para a saída desse labirinto, o início desse fio é o Deus que se fez homem e veio para o homem no primeiro século e nunca mais se ouviu falar agora o Deus que existe é o homem, não é um Deus que veio para o homem, mas sim o próprio homem virou Deus, é e isso que construiu o labirinto. Ou seja, o homem criou um labirinto donde não vê saída

---

<sup>1</sup> Antropólogo, filósofo e mestre em filosofia pela UNESP, doutorando em Ciências sociais pela UNESP, professor substituto de ética e cidadania da UNESP-FAAC.

<sup>2</sup> Fonte: pagina oficial do departamento ecumênico de investigações, frame - história, acesso em 02/12/2013, disponível em <http://www.dei-cr.org/conozcanos/historia/>.

<sup>3</sup> Conta a mitologia grega que Ariadne, a filha do rei Minos, ajudaria Teseu, herói grego, a enfrentar seu irmão bastardo e monstro o Minotauro, se Teseu promettesse casar com ela. Teseu reconheceu aí a única chance de vitória e aceitou. Ariadne, então, deu-lhe uma espada mítica e única que poderia derrotar o monstro e um novelo de linha que não tem fim (Fio de Ariadne), para que ele pudesse achar o caminho de volta dentro do labirinto do Minotauro, do qual ficaria segurando uma das pontas. Significa um apontar de saída para um labirinto cheio de perigos. Fonte: BINI, E., A sabedoria da Mitologia, São Paulo, Editora Edipro, 1a. Edição 2007.

pra si, em nossa opinião a figura de um labirinto é estar sozinho na escuridão, sem Deus estamos sozinhos, o monstro não é o minotauro, mas a injustiça socioeconômica que mata quem se aventura no labirinto. Porém esse não é um labirinto que se escolhe se aventurar a humanidade se aventurou nele e empurrou vários para esse labirinto.

### **A maneira de introducion:**

Na Parte A guisa de introdução (A maneira de introducion) o autor faz referencia ao mito de Prometeu<sup>4</sup>, segundo o autor esse mito é um dos grandes mitos da modernidade, formula o espaço mítico da modernidade e aparece nos pensamentos críticos sobre a mesma. Marx relaciona o mito de prometeu a uma libertação do proletariado, do homem que trabalha. O mito de qualquer maneira é visto como uma emancipação e rebeldia do homem frente aos deuses. A consequência dessa rebeldia causa a: a autoconsciência humana, entendida como *a consciência de ser consciente*, está por sua causa outra consequência, agora é o humano sua própria divindade suprema.

O mito prometeiano tem um fundo de verdade, o triunfo da técnica, na qual tecnologicamente e cientificamente, a modernidade fez o homem tornar-se providência para si mesmo, e hoje, para acabar com a fome, as doenças, as inundações, as epidemias, agora não recorre a Deus, ou deuses, como faziam seus antepassados, mas sim à medicina, à engenharia, à indústria, etc. A modernidade proporcionada pela tecnologia, que mitologicamente atribuída a Prometeu é ao mesmo tempo em que é um período histórico indefinido, é uma crença na certeza do cientificismo e da racionalidade, na qual as relações sociais são mudadas.

O ponto da modernidade e do seu labirinto apontado pelo autor com a confirmação de Marx de que não existe Deus e o homem se torna sua divindade suprema. Vale apontar que, no

---

<sup>4</sup> Basicamente o mito diz que homens e mulheres eram seres primitivos, vivendo da caça e coleta. Desconheciam o fogo, por isso comiam a comida crua, e embrulhavam-se em peles espessas para se defenderem do frio do Inverno. Não sabiam trabalhar os metais para fazerem ferramentas ou armas duradoiras. Zeus preferia que eles continuassem assim, porque de outra forma receava que alguns viessem um dia a querer roubar-lhe o poder. Mas o sábio Prometeu amava a Humanidade e sabia que com a sua ajuda os homens podiam progredir, saindo do seu estado primitivo. Prometeu foi em segredo ao Olimpo e roubou o fogo dos Deuses entregando aos humanos. Com a ajuda de Prometeu, o homem desenvolveu-se rapidamente. Ficando assim independente dos deuses. Zeus estava furioso e mandou levar Prometeu para uma das montanhas de leste e acorrentá-lo a uma rocha. Uma águia feroz ia todos os dias comer-lhe o fígado, e todas as manhãs o fígado tornava a crescer, de forma que a tortura começava. Passaram-se muitos anos antes de Prometeu ser liberto - dizem que trinta mil – até que o valente Hércules que o libertou. Fonte: BINI, E., A sabedoria da Mitologia, São Paulo, Editora Edipro, 1a. Edição 2007. Claro que essa é uma das inúmeras versões que existem do mito mas ele significa que os homens se tornaram independentes do Deuses através do seu trabalho.

livro "idolatria do mercado", escrito por Hinkelammert com Hugo Assmann denunciam o resultado do mercado é hispóstases, ou seja, sua suprema personalização-atribuição como agente autônomo. A esse agente é aplicado fé em sua total confiança de modo a pensar que nada vai dar errado. Com tal fé no mercado, os homens poderiam atribuem a ele uma confiança ilimitada, ou seja uma divindade que pode resolver todos os problemas humanos. Ademais, apontam que o neoliberalismo tem um sistema de apoio dominar a vontade humana, o mercado poderia ser uma "lavagem cerebral" real em profunda consciência do ser humano. Quando a fé no paradigma do mercado poderia sobrecarregar a mente e o coração, a solução dos problemas sociais foi geralmente deixada ao próprio mecanismo de mercado<sup>5</sup>.

Parece que o homem se faz Deus e Deus se faz homem, na cultura cristã nossa leitura aponta para um conflito entre o deus libertador que se fez homem e o homem que se fez Prometeu para se auto-libertar. Apontamos que a própria configuração da religião cristã ocidental se tornou algo digno de ser combatido e uma prisão do qual o homem deve escapar. Essa opiniao é apontada no libro quando o autor reflete sobre a dominação espanhola e portuguesa sobre as Américas e o sangue que isso trouxe. Ocorre que o homem deveria ter se libertado da religião não de Deus porem ao libertar-se na modernidade da religião rompeu-se com Deus.

O homem, representado pelo Prometeu do velho Marx grita e rompe "odeio aos deuses" e envolve Deus nessa sua revolta rompendo com Ele. Ao romper-se torna-se seu próprio Prometeu: autoconsciente, auto-suficiente, independente de toda autoridade religiosa, política e consequentemente teológica a qual o homem não precisa mais de Deus. Ao romper com o mito Greco – romano com o grande mito de Prometeu, o homem deixa de se libertar de si e procura se libertar de Deus.

O Prometeu de Marx apresenta um ser humano humilhado, depreciado, abandonado e subjogado, e um ser preso a maquina de trabalho, torturado por uma águia mandada pelo opressor(Zeus). Porem de fato há um novo objeto de adoração criado e criatura pelo próprio homem, o home agora adora a si mesmo, mas ao invés de libertar-se escraviza através do seu novo Deus, que é homem: O mercado.

O mercado passa a ser sacralizado. O autor contradiz as ideias de F. Hayek, e suas criticas contra o socialismo para apontar os pensamentos que trazem vantagem ao livre-mercado. Um dos quadros desse livre-mercado é a concorrência, uma lógica de se derrotar e se sobrepor

---

<sup>5</sup> ASSMANN, Hugo, HINKELAMMERT, Franz J. A Idolatria do mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia, Teologia e Liberdade. Petrópolis: Vozes, 1989.

aos outros que perfaz uma ética do sujeito destrutiva e competitiva. Assim a liberdade suprema do mercado não pode ser limitada ao outro, forma-se uma ética do sujeito de uma liberdade ilusória, uma liberdade que na verdade escraviza.

A lei existe para preservar os valores que um grupo social considera importante, tais valores não são imutáveis, uma vez que a sociedade pode mudar seus gostos e valores através da história, confirme a evolução das ideias humanas. Os valores de uma sociedade são aquilo que ela, como equilíbrio de interesses considera como valioso.

Este texto manda ou proíbe algo em consonância com a justiça e para o bem da sociedade no seu conjunto, preservando o que ela considera valiosa. Por exemplo: “A venda de cocaína é penalizada pela lei”, “A lei proíbe que uma pessoa mate outra”, “Um homem nunca deve roubar outrem”. No caso tal sociedade considera a luta contra as drogas, a vida, a propriedade privada como valiosas.

Pode-se dizer que as leis limitam o livre arbítrio dos seres humanos que convivem em sociedade. Funcionam como um controle externo ao ato humano que rege as condutas (os comportamentos). Se uma pessoa considera que não tem mal em adotar uma determinada ação, mas que esta é punida por lei, terá tendência em abster-se de o fazer independentemente daquilo que achar pessoalmente. Exemplo uma pessoa precisa de um “*Tablet*” vê um ao lado que o colega de faculdade esqueceu, não vai se apropriar do objeto ilegalmente, pois ha uma lei que o proíbe.

Existem varias fontes de leis e do direito e uma delas é a religião, visto que a religião divulga-impõe valores. Vai emitir opiniões que as pessoas que a seguem ou que a simpatizam com ela tomarão como importantes na sua vida social. No âmbito sócio - político, a lei é um preceito ditado por uma autoridade competente. Par Marx a lei vai ser um prisão e de fato: Se ela protege o que é valioso em uma sociedade nossa sociedade tornou valioso a propriedade privada, o capital, a livre concorrência, tudo isso protegido por lei que em vários casos se torna uma prisão.

Tal prisão garante a existência de um sistema utópico chamado mercado que deveria resolver todos os problemas humanos mas não o faz pois isso é utopia (p.45). A globalização nova forma de mercado so exclui e escraviza cada vez mais o homem. Crer na justiça do mercado é uma razão mítica -utópica – impossível, pois tal sistema não pode trazer salvação.

Assim se faz necessária uma nova ética do sujeito (p. 47), uma agir do sujeito sobre o mundo. O autor propõe que uma teologia da libertação, possa ser a solução, não um rompimento com Deus mas com aquilo que oprime o homem, um novo ecumenismo. A

resposta para esse problema talvez esteja na proposta de um nova Religião, digamos uma religião esclarecida (se é que isso é possível), um que proponha como fundamentos de sua religiosidade as idéias que não produzam vítimas<sup>6</sup>, onde o fundamento das configurações cristãs seja a o amor ao próximo; das judaicas, o relacionamento com Yavhé e da sua benignidade, das mulçumanas do caminho do servir sem escravizar e da bondade. Ou seja, que seus fundamentos sejam os condizentes com as conquistas de direitos humanos conseguidas a muito custo pelo Estado democrático, e da promoção de um Estado Laico que garanta o respeito as culturas e a liberdade religiosa.

### Capítulo 1

No capítulo 1, o autor faz uma análise dos mitos, para ele os mitos antagonizam a razão instrumental, porem a razão instrumental pode se socorrer de certos mitos tal como a mão invisível do mercado. segundo ele a modernidade cria mitos e são contra os mitos que se confundem com religião. São contra os mitos gregos mas criam mitos como o do progresso.

A habilidade e a facilidade com que o homem cria técnicas sempre novas e mais perfeitas provocou nas gerações recentes uma confiança sem limites no progresso humano, nas possibilidades de levá-lo à frente até a realização do paraíso na terra e à feliz solução de todos os problemas e mistérios do homem. Mas é realmente verdade que as ciências e a técnica têm o poder de resolver todos os problemas e enigmas humanos? Não tem.

Aliado a toda manutenção de conhecimento único, surge a ideia de que conhecimento é poder<sup>7</sup> e que esse poder foi jungido ao capital e serviço desse, ou seja a ciência foi submetida ao interesse do capital<sup>8</sup>, sendo assim o poder ao qual se refere Marcuse<sup>9</sup> é em sua critica a modernidade é o próprio capital. Para entender o trunfo do capital sobre os valores antes religiosos, houve um triunfo da comunicação que trouxe e confirmou a modernidade e propôs sua própria crise.

Surgiram, no seio da modernidade, novas tecnologias da comunicação, produtos dessa ciência racionalizada, que levou o homem a um movimento de consumo desmedido e capitalizado. As pessoas passaram a ser valoradas não pela sua essência, e sim pela sua

---

<sup>6</sup> CERTEAU, M. (1998) artes de fazer, a invenção do cotidiano, 3ed. Ed. Vozes.

<sup>7</sup> WESTHELLE, Vitor (2008) - **Traumas e Opções: Teologia e a Crise Da Modernidade** , publicações do centro de estudos anglicanos, disponível em [http://www.centrostudosanglicanos.com.br/bancodetextos/diversos/teologia\\_crise\\_modernidade\\_vitor.pdf](http://www.centrostudosanglicanos.com.br/bancodetextos/diversos/teologia_crise_modernidade_vitor.pdf), publicado em 14/out/2008, consultado em 30/mar/2013.

<sup>8</sup> PANIKKAR, Raimon, **Morte e ressurreição da Teologia**, Horizonte, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 15-29, dez. 2005

<sup>9</sup> MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial: O homem unidimensional**. (Tradução de Giasone Rebuá). 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

capacidade de consumo. Termos antes caros a humanidade como a teologia como alma, bondade, caridade não tiveram mais lugar.

A modernidade a tudo racionaliza. A tudo matematiza, a tudo contabiliza, a tudo registra de tal maneira, o homem fica reduzido a um negócio de contabilidade, que interessa particularmente aos registros das taxas e dos seguros (*Steuerug und Sicherrung*), para utilizar uma expressão de Heidegger<sup>10</sup>.

Esse capítulo pode ser traduzido na frase de Goya (p.57) a razão ao sonhar produz monstros, visto que a razão não sonha: planeja, não abstrai: calcula. A razão substituiu as necessidades humanas pelas preferências do mercado (p. 58). Nem a morte pode se discutir mais A modernidade criou segundo Giddens<sup>11</sup> um certo sequestro de experiências, ou seja através do sistema auto-referenciado de conhecimento e de poder separa-se da vida certos conhecimentos naturais, como enfermidade loucura, criminalidade, morte, sexualidade.

As garantias de direitos humanos foram cooptadas por direitos que na verdade so garantem a globalização do mercado, a propriedade privada e a morte dos excluídos. Embora o mundo posa reagir e enfrentar tais problemas, quem enfrenta leva a peja de terrorista e criminoso e outra vez combatidos por leis que só atendem as necessidades globalizantes.

È criado um mito do poder, um dos vários mitos pela qual a sociedade humana se configura, assim como o mito do sucesso, do crescimento patológico, da mão invisível, do capital justo etc..., ocorre que a mesma modernidade que não considera verdade os mitos antigos gregos se fundamenta e se relaciona nesses novos mitos. O que é pior mitos protegidos pela lei e pelo suposto estado democrático de direito. São os mitos modernos.

O próprio cristianismo, o Deus que se fez homem é considerado um mito e ridicularizado porem se utilizam vários mitos para parametrizar a modernidade. Deus deixa de ser a reposta e se transforma em um homem, um semelhante (p.73) criando de certo modo o cerne da modernidade: o humanismo, agora é o ser humano, e não Deus o centro do universo. O cristianismo nasce com uma teologia da Culpa, da dívida e do perdão e nasce daí uma nova religião, uma religião sem culpa – o capitalismo.

Benjamin<sup>12</sup> evoca, os termos “dívida” e “culpa”. Segundo numa perspectiva histórica do de que não podemos separa esses dois termos, no sistema da religião capitalista, a “culpa

---

<sup>10</sup> HEIDEGGER, Martin. (2007) **Nietzsche – volume II**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

<sup>11</sup> GIDDENS, Anthony. (2002) **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

<sup>12</sup> BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987

mítica” da dívida econômica, surge como algo sem culpabilização. O capitalismo é um culto que não resgata, mas deixa um sentimento de culpa apenas nos sensíveis. Neste sentido, este sistema religioso surge após o colapso do cristianismo. Uma enorme sensação de culpa, incapaz de se render, deu proveito a esse culto, e sua culpa, em vez de ser resgatada é universalizada, gravada na consciência, até que o próprio Deus é preso na rede culpa, de modo que, finalmente, ele próprio está interessado em sua expiação. Não se pode, portanto, esperar que isso aconteça no próprio culto, ou a reforma dessa religião, uma vez que teria de agarrar-se a algo sólido que aparentemente não existe na história (isso seria o verdadeiro cristianismo mas foi rejeitado como mito). A essência deste movimento religioso que é o capitalismo é parte de sua capacidade de percorrer todo o caminho, de fornecer todas as repostas finais, até culpar a Deus, para atingir o estado de desespero no mundo.

Da página 83 a 115 faz um grande estudo do apocalipse como tradução da visão da história ocidental, é um dos textos fundantes da sociedade ocidental (p. 104). De Hobbes a Locke, de Marx a Engels, de Hegel aos capitalistas, todos compararam o apocalipse as mudanças econômicas e sociais que passaram o mundo. Esse texto é usado erroneamente para legitimar as violências ao redor do mundo bem como as injustiças produzidas pela exclusão (ora os cavaleiros do apocalipse são as mazelas do mundo). Esse capítulo pode ser resumido no fato de que o mundo finalmente tem um poder auto-destrutivo causado pelo capitalismo, agravado pela oposição ao socialismo histórico. O mundo tem ogivas nucleares, biológicas e químicas para destruir a vida na terra mais de 400 vezes<sup>13</sup>, o apocalipse é rejeitado como mito, mito que se acredita que não pode acontecer, porém está perto como nunca, o apocalipse impacta além do cristianismo, e cria um “marco de categoria” do exercício de poder no ocidente.

## **Capítulo 2**

### **Corporiedade concreta e abstrata: a espiritualidade do mercado.**

O dualismo, proposto por René Descartes constitui o grande referencial epistemológico do ocidente<sup>14</sup>. Hall<sup>15</sup>, lembra que ele postulou duas substâncias distintas — a substância espacial (matéria) e a substância pensante (espírito). Ele refocalizou, assim, aquele

---

<sup>13</sup> THOMPSON, E. P. (ed.) (1982a). *Exterminism and Cold War*. London: Verso/New Left Books.

<sup>14</sup> MORIN, E. “Ciência com Consciência”. Ed. Publicações Europa-América, Lda, Portugal: 1994

<sup>15</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2005.

grande *dualismo* que tem afligido a o pensamento filosófico desde então. Até essa proposição não se havia pensado numa oposição entre corpo (matéria) e Espírito.

Ocorre que a modernidade se apresenta mediada por seus meios de comunicação, apresenta uma materialidade extremada, o sucesso, as casas novas, os carros de marca materialmente falando são a representação de algo espiritual, a felicidade que não pode ser alcançada por todos. Cria-se um mito do progresso, que se apresenta como uma nova espiritualidade (p. 109) ainda que baseada em materialidade. Assim o que é material é valorizado e o que é espiritual é deixado de lado ainda que baseado no grande mito do ocidente o mito do progresso.,

Na sua divagação do capítulo 2 (excurso p. 113) inicia-s e com uma frase bem emblemática “ o Capitalismo surge com a pretensão de ser a instância de salvação”, atribui o começo desse ao mercantilismo exploratório colonial, porem sua ideologia à obra de Adam Smith. Acusa seriamente qu a as posições cristas dos primeiros séculos eram ao contrario fazendo uma explanação teológica de Mateus 6:24 com a citação de Jesus : "Não se pode servir a Deus e a Mammon". Porem o que ocorreu foi ao contrario ocorreu uma espiritualidade do mercado.

O mercado, a tudo toma conta e passa a ser o regulador das relações sociais, mais do que isso, passa a ser o centro das sociedades, se infiltrando no dia-a-dia das pessoas. A referencia passa a ser mercado e recursos, mercado de trabalho, de capitais, de alimentos, da droga, mercado matrimonial, religioso e de bens simbólicos, não há expressão mais assustadora, por exemplo do que recursos humanos: ou seja, para a produção de bens e serviços o ser humanos é reduzido a um recurso, um bem substituível a qualquer momento.

A obra de E. Durkhein já afirma que:, “não há religião sem comunidade (igreja)<sup>16</sup> ”. O mercado como religião marca a nova comunidade que é a sociedade moderna. As pessoas se reconhecem e se valorizam pelo poder de compra que tem. Uma pessoa de bem é aquele que tem poder de consumo.

A religião do mercado tem os seus comportamentos e dogmas. Como exemplo:

O mercado é causa de desigualdades; assim é um produtor de vítimas, que ou são exploradas ou são vitimas da violência causada pela comunicação que leva desejos aos que não podem e por isso roubam violentamente multiplicando as vitimas<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.p.261

<sup>17</sup> MESSNER, S. F.; ROSENFELD, R., **Crime and the American Dream**. Belmont: Wadsworth, 2000.



O mercado dentro da ordem capitalista mundial gera concentração de riquezas na mãos de poucos países e de poucos magnatas e desestruturação social e miséria para a maior parte da humanidade<sup>18</sup>.

Não é mais a fé que move céus e terra e outra coisa. O lema fundamental é: “o dinheiro tudo pode, move o céu e a terra”.

A propaganda tem a função de uma felicidade salvífica. Se você não pode ter a mercadoria X você não é feliz. Se você não tem mercadoria y não pode ser bem sucedido portanto é um excluído e não é uma pessoa de bem.

As mercadorias são representantes de desejos mais profundos da alma.

A propaganda é uma autêntica catequese, um ensinamento do que deve ou não ter para ser feliz.

O culto dominical são os programas televisivos.

A grande festa anual é o natal. Não para comemorar o nascimento do Salvador, mas uma festa de consumo e presentes a quais as crianças são educadas desde cedo.

Os templos são as lojas.

A peregrinação são as novas viagens; os grandes shoppings e cidades do consumo, e turismo, Disney World, Miami, Paris etc.

Os sacerdotes são os que conhecem as regras do jogo, advogados, que garantem a propriedade privada e seu pagamento, economistas e banqueiros.

As vestes são as roupas de marca caríssimas tal como Ermenildo Zegna, Nike, Lacoste etc....quando se está vestido assim o ser se torna bem-quisto na sociedade. Quando não é um excluído dela.

A ética principal é o interesse pessoal, egoísta, competitivo com sede de crescimento financeiro patológico.

Assim, se constrói e produz a religião da espiritualidade do mercado.

Tal religião promete felicidade a todos os que a consomem. Essa promessa falha fragorosamente uma vez que poucos tem o poder de ter tudo o que se apresenta para consumo. As mercadorias tem status divinos e de bênçãos. A elas se adjudicam características salvíficas. É no contanto com o novo sagrado que surge uma nova ética de ser a da competição e concorrência no mercado, seu semelhante passa a ser visto como concorrente. A mística que move as pessoas no capitalismo é ganhar dinheiro para ganhar mais dinheiro;

---

<sup>18</sup> HOFFMANN, R. Distribuição de renda: medidas de desigualdade e pobreza. São Paulo: EDUSP, 1998.

comprar mais, comprar mais para consumir mais e mais. É no poder de consumo, que se mede o caráter de uma pessoa segundo essa lógica. O ser humano é medido em Ter e não em Ser. Numa sociedade assim, a pessoa tem a sua dignidade reconhecida nas relações mercantis, no mercado. Os pobres são marginalizados exatamente pela sua impossibilidade de acesso ao mercado. Esses milhares que são a maioria do mundo são invisíveis e reduzidos a mero problemas políticos, seres humanos incapacitados de participar de acesso aos bens que na maioria eles mesmos produzem em um total estado de alienação.

### **Capítulo 3**

O capítulo 3 (p.117) passa a uma explicação da humanização de Deus. De como o humanismo trouxe agora na história que o homem e não Deus era o centro do universo. Disso decorre algumas conseqüências tal como: propriedade é individual e um direito sagrado, por natureza. A isso o indivíduo leva como algo sacro. Outra conseqüência é o crescente poder da burguesia, cuja conseqüência se dá a vida pelo comércio, o comércio não mais é um meio de subsistência mas a atividade pela qual as pessoas vivem e morrem e o importante nessa atividade passa a ser o lucro. Assim surge as condições do capitalismo selvagem.

O socialismo surge como uma alternativa na opinião do autor como incapaz de resolver tais mazelas uma vez que só muda o foco da propriedade ao invés de propriedade individual se fala em propriedade socialista. Além disso há um grande problema a redução de toda a história e condição humana a luta de classes. Tal concepção marxista é impossível de compreender toda a riqueza da experiência humana. A isso nesse seio socialista o autor critica a teologia da libertação (p. 120).

Em suas elucubrações critica fortemente a globalização(p.122). em suma essa crítica decorre da decisão das potências emergentes do pós guerra fria de impor ao mundo uma força motriz comercial capitalista que possa dar mais poder as empresas transnacionais. Com essa prática se dá a estratégia ao mercado sem controle ou responsabilidade por seus atos.

O mercado disfarça sua finalidade (o lucro) em respeito a certos direitos humanos, porém alcançar a plenitude desses direitos se tornam impossível visto a finalidade do mercado não ser alcançar esses direitos (meio ambiente ecologicamente equilibrado, justiça, saúde, educação pleno emprego etc..) e sim o lucro. Desse modo a finalidade do homem ( e não só da empresa) também passar a ser o lucro, e desse modo o autor recorre a Hobbes, como nessa lógica pessoal vai surgir o homem: a resposta é apenas como lobo do homem, como concorrente de seu semelhante.

A liberdade humana nessa relação fica ilusória e prejudicada uma vez que o homem só tem liberdade para consumir. Ele diz da liberdade de escolher entre uma sociedade de plena convivência e uma sociedade Hobbesiana, mas não vejo como agir sobre tais supostas liberdades frente a força poderosa do capital. O próprio autor diz que a democracia está a serviço do capital (p.132). Não se existe liberdade para se escolher entre igualdade e fraternidade pois isso implicaria em abrir mão da propriedade privada e do lucro o que aparentemente ninguém quer escolher.

#### **Capítulo 4**

O capítulo 4 (p. 135) inicia-se com o estudo do capitalismo e sua relação com a culpa analisando o texto de Walter Benjamin: O capitalismo como Religião. Como analisa Benjamin, o capitalismo é uma religião na qual o culto se emancipou de um objeto de adoração e passou a ser o seu próprio ato de consumir e não há culpa, tabus, nem pecados ao contrário das religiões, e, portanto, não há redenção há só felicidade prometida (mas raramente alcançada). Então, do ponto de vista da fé, o capitalismo não tem nenhum objeto: acredita no puro crédito no dinheiro a ser alcançado por um lucro que virá.

Há um culto ao dinheiro, o objeto de desejo e de adoração não [é algo transcendente mas sim o vil metal. No capitalismo não há perdão de dívidas há garantias de dívidas, que se tornam novos lucros. No capitalismo não se pode pagar com sangue do Cordeiro suas dívidas. Também é pouco provável que uma divindade vá pagar as dívidas creditícias, disso só decorre a descrença na força de Deus e a crença na força do capital.

A culpabilização da religião Cristã se dá pelo assassinato de Cristo no Calvário, não há culpa no capitalismo apesar de várias vítimas que ele gera por ser uma religião sem responsável pela sua culpa e sem Deus a quem culpar. a religião tem a função de ser o fundamento da cosmovisão que legitima a ordem social vigente, assim o capitalismo como religião legitima a ordem do lucro.

#### **Capítulo 5**

No capítulo 5 o autor percebe uma inversão na objetividade do mundo (que esta no cerne da visão sistêmica de mundo<sup>19</sup>) e na inversão dos objetos e do papel do humano, agora são os objetos que fazem as coisas. E o dinheiro é quem faz, tira do homem a sua responsabilidade do uso das máquinas e do dinheiro. Esta inversão teórica desculpabiliza o ser humano. O ser humano não é o ser que constrói o mundo, em Deus, o ser humano é um

---

<sup>19</sup> LUHMANN, Niklas. The autopoiesis of Social Systems. In: GEYER, F.; ZOUWEN, J. (Org.). **Sociocybernetic paradoxes**. Cambridge: Polity Press, 1986.

objeto a ser usado, e quem constrói o mundo agora passa a ser o dinheiro em uma inversão da objetividade do agir do homem.

Nessa relação entre parte/parte e partes/todo, a atuação causal, destaca Morin<sup>20</sup>, é a causalidade circular, que atua como um princípio de organização recursiva. Desse modo, as interações entre as partes formam um todo e este “todo” emergente às mesmas e de outras interações, retroage sobre as partes que o constituíram, determinando o modo de ser das partes. A organização recursiva é a organização cujos efeitos e produtos são necessários à sua própria causação e à sua própria produção. É, exatamente, o problema de autoprodução e de auto-organização.

Uma sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos e essas interações produzem um todo organizador que retroage sobre os indivíduos para co-produzi-los enquanto indivíduos humanos. Ocorre que a causa de tudo não são mais as relações múltiplas mas sim o dinheiro causa tudo(e não mais Deus) e é motivado pela ganância. A ganância é que dita o como o mundo vai se desenvolver.

### **Capítulo 6**

O capítulo 6 começa com uma análise do mito de Édipo. E faz uma comparação com Deus pai as interpretações dos cânones freudianos em relação ao Deus pai. No sentido freudiano a religião responderia ao anseio por um pai poderoso que oferece segurança, proteção (poupa os homens de uma neurose individual ao preço de deixá-los num estado de infantilismo psicológico, submetidos ao que chama de um delírio de massa). Freud afirma que a natureza do homem exige este tipo de controle para que ele possa viver em sociedade. Dessa forma, se a religião fosse extinta, inevitavelmente, o homem criaria outro sistema de doutrinas com as mesmas características para se defender. Ao que parece criou o capitalismo ou melhor ao invés de uma religião com pai se transmutou em uma religião sem pai. Não [e um novo sistema é ainda uma religião, mas sem pai a quem atribuir seus conflitos psíquicos.

Discordo do autor ao atribuir a Marx uma teoria do espelho que afirma que o sistema jurídico é uma reflexo das relações econômicas, essa teoria já era dita por Justiano em Roma. Por exemplo quanto a satisfação dos débitos para garantir as dívida, já lecionava Gaius (Digesto, 27, 10, 5) a ideia de que só deverão ser vendidos os bens do executado que se mostrarem suficientes para a satisfação dos seus débitos. É o princípio da satisfatividade, informativo da tutela jurisdicional executiva previsto no artigo 659 do Código de Processo

---

<sup>20</sup> MORIN, Edgar. **O método- A vida da Vida**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1987. v. II.

Civil Brasileiro em varias leis do ocidente. Alem disso as questões de herança eram puramente materiais como nos direito ocidental hoje e não mais patrimônio sentimental ligado ao nome. O direito sempre teve relação íntima ao econômico. O que serve para uma análise do capital como regras imperiais de domino como aponta Jung ET all<sup>21</sup> pela qual o império capitalista a tudo domina.

Assim nessa lógica elementos de direitos humanos tal como vida e liberdade tem menos valor que a propriedade até bem pouco tempo atrás na historia e em alguns países ainda persiste a ideia de se ir preso por dividas materiais o que da a liberdade um valor menor que a propriedade. Isto para não falar nas violentas retomadas de propriedade abalizadas pelo Estado muitas vezes com mortes a qual se depreende de que a vida tem menos valor do que propriedade.

O capitalismo usa sua fabrica de guerra e morte, mas tem um fim: o lucro<sup>22</sup>. Ele supera suas crises com maquinas e mais maquinas de guerra donde se produz mais lucro e impulsiona a industria, o autor faz um apanhado de exemplos históricos em seu texto (p.193). apontando para a triste inversão de direitos humanos que pretendia Locke. Assim o capitalismo e a técnica com sua maquina de guerra assim como sua razão produz monstros como o autor cita a famosa obra de Goya.

Esses monstros são produzidos em uma estética de morte, corrupção, invencibilidade e domínio ou seja a própria essência da monstruosidade. ainda o capitalismo moderno ao se opor a certos valores produz outros monstros como o fundamentalismo.

O homem, que se deixou seduzir pelo ídolo da técnica, por fenômeno de ressentimento, os despreza e procura a afirmação de si mesmo na vontade de dominação do mundo, não mais visto como um meio para a realização dos valores mais altos, mas como fim em si mesmo: donde a civilização da técnica, o industrialismo e o capitalismo. Ferreti<sup>23</sup> afirma, analisando as obras de Scheler, o seguinte:

“Logo não há mais plenitude de vida, não mais o amor para o mundo e para a plenitude de suas qualidades, não mais a autocontemplação desinteressada como objetivo real do homem, mas cálculo utilitarista com fim em si mesmo, redução da natureza ao seu aspecto exatamente mensurável e seguramente dominável, fanatismo do trabalho e do lucro, avaliação somente das qualidades humanas de diligência, rapidez, capacidade de adaptação, que possuem uma utilidade aos

---

<sup>21</sup> MIGUEZ, Néstor; RIEGER, Joerg; JUNG, Sung, . **Para além do espírito do império: novas perspectivas na política e religião**. São Paulo: Paulinas, 2012

<sup>22</sup> HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2006

<sup>23</sup> FERRETI G. (1982). **Max Scheler, fenomenologia e antropologia personalística**, Vita e pensiero, Milão, 1972, Trad. EDUSP – p. 14.

fins lucrativos. O nascimento da ciência moderna e a concepção mecanicista da natureza não são as causas, mas sim os efeitos dessa nova atitude, que consagrou a natureza, privando-a de Deus, da alma, de todo valor e qualidade.

Além da perda dos valores do espírito, a ciência e a técnica causaram um desgaste profundo nas relações humanas. Buber observou agudamente que, com o passar dos séculos, o mundo material se engrandeceu mais e mais, enquanto o mundo das relações pessoais pouco a pouco se restringiu. Um processo é a consequência do outro, visto que “o desenvolvimento da capacidade de experimentar e de utilizar cresce com a diminuição da capacidade do homem de criar uma relação dialógica”<sup>24</sup>. Hoje, parece que a relação dialógica ficou menor, e que tenha cedido lugar àquela do domínio entre homens e de subjugação entre estes e a natureza e subjugando a próprio Deus.

Assim vemos de mitos que foram desconstruídos para dar lugar a outros não mais para explicar a vida mas para subjugar a vida a um sistema cruel de poder. Porém outros mitos surgiram para dar certa razão ao modo de vida moderno, posso fazer uma consideração o mito da caverna de Platão: em nossa sociedade apenas se enxerga o que quer e não percebemos que somos escravos de nosso próprio desejo imposto por um sistema maior que nos prende a nos mesmos. A concepção Cristã nos convida a olhar ao próximo e a transcender nossos desejos em prol de um bem comum. Terminei citando uma mudança que a bíblia nos convida de deixar a lucratividade e a viver uma ética mais cristã: Filipenses 3:7: "Mas o que, para mim, era lucro, isto considereí perda por causa de Cristo.

---

<sup>24</sup> BUBER, M. **eu e vós**,(2001) (original 1937) , São Paulo, editora centauro- p. 65